



Caminhos rebeldes para a sustentabilidade dos povos no Brasil

Insurgent pathways to people's sustainability in Brazil

Ferreira, J.; Felício, E. *Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil*. Arataca: Editora Teia dos Povos, 1ª edição, 2021.

Letícia Magalhães FERNANDES^{1,2*}

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Itapetinga, BA, Brasil.

² Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

* E-mail de contato: leticia.fernandes@uesb.edu.br

Resenha recebida em 8 de junho de 2022, versão final aceita em 8 de dezembro de 2022, publicada em 24 de novembro de 2023.

Este livro de Joelson Ferreira e Erahsto Felício inaugura a primeira leva de publicações autônomas da editora Teia dos Povos. Onde os autores apresentam um programa político empírico para a autonomia dos povos, que têm por base primordial a reconquista da Terra, a vida nos territórios e a proteção dos biomas. O livro foi lançado em fevereiro de 2021 – em plena pandemia de COVID-19. Um ano depois, em fevereiro de 2022, lançaram um segundo livro: *A Escola da Reconquista*, de Mestra Mayá – Maria Muniz – professora indígena (descendente das etnias Tupinambá e Pataxó – Hã hã hã) do Sul da Bahia. Considero importante destacar estes lançamentos conjuntamente, pois

são produções autônomas e autobiográficas destas lideranças de base, que ilustram o valor conceitual destas obras e a capacidade de realização social coletiva da Teia dos Povos.

A Teia dos Povos é uma articulação de comunidades, territórios autogeridos, movimentos sociais e apoiadores; que foi fundada na primeira Jornada de Agroecologia da Bahia (no ano de 2012) e de modo paralelo e convergente neste mesmo ano também surgia a Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão. Desde o seu surgimento, a Teia vem inspirando a criação de articulações locais em outros 11 estados brasileiros, são eles: Bahia, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Rondônia, Minas

Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Goiás-DF.

Desde então, a articulação promove encontros, ações formativas, políticas e Jornadas de Agroecologia em diversos territórios Brasil afora, unindo movimentos sociais e organizações de povos e comunidades tradicionais, tais como quilombolas, assentados, da reforma agrária, extrativistas, povos originários, pescadores, marisqueiras, ribeirinhos, entre outros. Os territórios organizados representam os núcleos de base e lideram as diretrizes de ações e lutas, enquanto as demais organizações, coletivos, movimentos e pessoas desterritorializadas – chamados de elos – cooperam para a construção da Teia dos Povos.

Com o lema rebelde “Paz entre nós, guerra aos nossos senhores” (p. 21) – oriundo de um ensinamento malê –, esta articulação convoca uma “Grande Aliança Preta, Indígena e Popular” (p. 17) para promover e fortalecer a solidariedade entre diferentes povos, que tem como objetivos comuns a luta pela terra, por território e pela agroecologia, com respeito à diversidade, à autonomia, aos saberes tradicionais e aos modos de organização dos seus componentes. A delicada arte de capa do livro e as ilustrações em preto e branco de Iago Aragão – no início de cada capítulo - representam perfeitamente o imaginário da revolução proposta pelos autores Joelson Ferreira de Oliveira e Erahsto Felício de Sousa com elementos da natureza, da espiritualidade e das encantarias populares.

Mestre Joelson é agricultor, liderança de sua comunidade, assentado da reforma agrária, ex-diretor nacional do Movimento Sem Terra (MST), pai, esposo, avô, idealizador e principal porta-voz da articulação Teia dos Povos. Em 2019, ganhou o título de Doutor por Notório Saber – em Arquitetura e Urbanismo – pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)¹. Mestre Joelson é um arquiteto de paisagens que imaginou, planejou e executou transformações na sua comunidade, valorizando a sociobiodiversidade local e os saberes ancestrais. O Assentamento Terra Vista em Arataca, Bahia – liderado por ele e sua família – se transformou em modelo após 30 anos de sua fundação. Atualmente é uma referência em transição agroecológica, conservação e restauração da Floresta Atlântica, com destaque para a produção e comercialização de “chocolates rebeldes” do grão à barra, a produção de óleos essenciais de espécies nativas, entre outras linhas de ação.

Erahsto Felício é historiador, mestre em história pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor da educação básica no Instituto Federal da Bahia (IFBA), campus da cidade de Valença. É pai de duas meninas e um grande pensador e articulador que atuou na divisão de comunicação da Teia dos Povos. Assumiu junto com Joelson a missão de sistematizar o projeto político que vem sendo construído neste contexto e agora se torna disponível de maneira muito didática neste livro.

¹ Joelson Ferreira de Oliveira foi diplomado oficialmente em sessão solene na UFMG (campus da Pampulha) no dia 17 de Outubro de 2022. Juntamente com outros 15 artistas, mestres e mestradas de saberes tradicionais, sendo cinco deles vinculados à Teia dos Povos da Bahia, a saber: o cacique Nailton Muniz Pataxó; Mestra Mayá (Maria Muniz Pataxó/Tupinambá); Mestra Japira Pataxó (Antônia Braz) e Cacique Babau Tupinambá (Rosivaldo Ferreira da Silva). A ação foi coordenada pelo Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais (UFMG), em diálogo com a articulação nacional da Rede Encontro de Saberes da Universidade de Brasília (UnB) que é apoiada pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – INCT (Carvalho & Vianna, 2020). Para maiores informações, acesse: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-diploma-15-novos-doutores-por-notorio-saber> e <https://www.saberestradicionais.org/>

Onde os autores apresentam caminhos estratégicos e tarefas práticas para alcançar a autonomia dos povos e a superação dos desafios impostos pelo sistema econômico capitalista. Enraizado no que Quijano (2000) define como Matriz Colonial de Poder (MCP), referindo-se ao processo bárbaro de imposição do poder hegemônico eurocêntrico sobre o Sul Global – derivado das invasões brutais durante a expansão marítima europeia que impregnou o “novo mundo” – agora chamado de América – de imperialismo, colonialismo, capitalismo, patriarcado, racismo e outras formas de opressão (Ferreira e Felício, 2021).

Ferreira e Felício (2021) defendem que nós, os povos desta Terra, só alcançaremos autonomia quando defendermos a terra, ocupando o território com formas de uso e geração de riquezas que respeitem as interdependências entre nós seres vivos, interconectados a este grande ser chamado Terra. “Nossos povos, organizações, movimentos, territórios, só podem se manter unidos na prática. Apenas se estiverem realizando a construção de um outro mundo será possível manter a aliança” (p. 49). Para os autores, a reflexão sem a prática não tem valor. Por isso, eles propõem seis caminhadas fundamentais em direção a “soberanias prioritárias” (outras podem surgir) que são detalhadas em ações e tarefas práticas capazes de impulsionar as marchas necessárias para seguir na jornada em direção à autonomia dos povos.

Sendo assim, o livro – que tem 13 capítulos – ao meu ver pode ser dividido em quatro partes:

- Na primeira, os três capítulos iniciais apresentam os fundamentos: o que é a Teia dos Povos, o sentido que os autores dão à terra e ao território,

o entendimento sobre autonomia, e as visões históricas e temporais sobre a luta política;

- A segunda parte é constituída por sete capítulos de natureza prática, indicando caminhadas, com sugestões de ações e tarefas concretas na luta; elas partem da necessidade primordial de busca das quatro soberanias: hídrica, alimentar, pedagógica e energética. Isso inclui também outras dimensões essenciais, como: estratégias de autodefesa, trabalho e renda, com o devido detalhamento estratégico e prático sobre cada uma delas, realizadas a partir do fortalecimento de redes internas de cooperação em contraposição à dependência paternalista do Estado;

- A terceira parte tem um conteúdo mais “fino e espiritual” (p. 25) e aborda a necessidade das caminhadas em torno do cuidado com a militância "e a juventude", do fortalecimento da participação de mulheres e da defesa de uma política de gestão das diferenças na construção das alianças. Apresentam também os fundamentos gerais da relação dos povos com a fé, a sabedoria, a ancestralidade e a espiritualidade, destacando as influências – ativas e positivas – dos seres encantados sobre diversas dimensões importantes para a construção da autonomia dos povos;

- Por fim, os autores apresentam reflexões sobre a importância da união dentro das diferenças, para fortalecer a coletividade e desnudar as ilusões políticas – para o enfrentamento ao verdadeiro inimigo que é o Imperialismo, que tem diferentes vestimentas – entre elas o Estado brasileiro, o latifúndio, o capitalismo, o colonialismo, o racismo, o patriarcado, entre outras faces opressoras.

Com essa estrutura, os autores cumprem bem a missão de indicar caminhos e estratégias para que os povos alcancem autonomia. Refletem sobre a tra-

jetória histórica de resistência e vitórias alcançadas em alianças populares dos povos em território brasileiro (como nas revoltas populares de Palmares, Canudos e da Balaiada) e sobre as traições ocorridas em alianças com os invasores detentores do poder hegemônico (como na independência da Bahia, na exploração do trabalho indígena no período colonial, entre outras). Estas reflexões caminham lado a lado com a crítica ao Estado e à esquerda institucional brasileira, que tentou o seu caminho apaziguador – feito de alianças com as elites –, sem conseguir vitórias significativas para os povos e suas lutas nos territórios, perpetuando um legado político de genocídio dos povos afroindígenas deste país.

A resposta histórica da Teia dos Povos diante destes aprendizados, e frente às crises sistêmicas que vivemos atualmente, é a proposta de uma “Grande Aliança Preta, Indígena e Popular, com todo respeito e reverência à nossa Mãe Terra” (p. 17), unindo os povos de baixo para cima, fortalecendo-os para caminhar em direção às suas perspectivas de autonomia, visto que “nós queremos ser o mar porque o mar é poderoso, é onde todos os rios (lutas) se encontram. É assim que vamos ganhando profundidade até sermos mar de luta” (p. 38).

Autonomia é a palavra mais importante do texto e representa um conceito multidimensional relacionado à capacidade de autodeterminação e autogestão dos povos. Para os autores, a autonomia só será alcançada a partir da presença na terra e consequente ação no território (através das caminhadas e tarefas), considerando que os fundamentos desta construção “são as águas, as sementes e a soberania alimentar” (p. 47), com o objetivo final de alcançar o

“território descolonizado do capitalismo, do racismo e do patriarcado” (p. 45).

No campo teórico, o projeto cosmopolítico (Pimentel, 2021) que é apresentado pela Teia dos Povos neste livro converge com outras perspectivas que emergem no âmbito das alternativas ao desenvolvimento, e/ou pós-desenvolvimento (Khotari *et al.*, 2021) como novos paradigmas de sustentabilidade - e/ou em resposta à sustentabilidade - que vêm ganhando cada vez mais espaço nos debates acadêmicos. Este é o caso de narrativas decoloniais que ganham corpo em Abya Yala e incluem perspectivas, como o Bem Viver, a Agroecologia, Permacultura, o Feminismo Comunitário, entre outros saberes do sul (Svampa, 2019). Tais ciências, saberes e propostas são impregnadas de conhecimentos originários e não acadêmicos, ancorados em cosmovisões que valorizam os potenciais da natureza, da criatividade cultural, do pensamento emancipatório e de éticas capazes de renovar o sentido e a sustentabilidade da vida (Leff, 2015).

A palavra sustentabilidade surge no texto de Ferreira e Felício (2021) apenas uma vez e remete à sua dimensão econômica, quando citada no capítulo sobre trabalho e renda. O que a princípio pode demonstrar o desinteresse semântico dos autores por este termo, que – segundo reflexões do próprio Joelson Ferreira²– ganhou visibilidade social em função da necessidade do capitalismo de apresentar respostas para as consequências socioambientais negativas derivadas do seu próprio modo de operação. Em suas palavras, “o termo sustentabilidade surge como uma estratégia do capitalismo para continuar degradando disfarçadamente”. De fato, tal termo

²Em diálogo realizado entre a autora da resenha e Mestre Joelson durante o Encontro com Mestres e Mestras do Notório Saber, na Semana do Conhecimento da UFMG (entre 17 e 21 de outubro de 2022 - na cidade de Belo Horizonte)

atualmente apresenta muitos conceitos e definições (por vezes contraditórias), baseados em valores e interesses diversos (Nascimento, 2012).

Por outro lado, percebo convergências entre a proposta de construção de autonomia que é apresentada pela Teia dos Povos e o diálogo acadêmico sobre os rumos da sustentabilidade, especialmente diante das reflexões que venho amadurecendo durante o doutorado no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB). Considero interessante trazer uma definição do termo sustentabilidade, que foi sintetizada por Nascimento (2012), como: um conceito que evoluiu da biologia (referente à capacidade de resiliência dos ecossistemas em face de agressões antrópicas) e da economia (relacionada à gestão de recursos e promoção da equidade social) para se tornar um campo político de disputa sobre o futuro da civilização.

Ao considerar a sustentabilidade como um campo de disputa conceitual e sociopolítico, no qual estamos imersos, é oportuno refletir criticamente sobre a relevância da experiência e do programa político que é apresentado neste livro. E na difusão das idéias nele contidas, que vem sendo e discutidas coletivamente em diversas comunidades do país (teias presentes em 11 estados), como uma perspectiva que pode contribuir para a autonomia dos povos nos territórios. Ao meu ver, se trata da construção de uma visão ou definição de “sustentabilidade nativa e rebelde” baseada na vida sob os territórios brasileiros, contribuindo para reflexões teóricas em torno da ciência da sustentabilidade (em construção) e para proposições práticas em termos de alternativas sustentáveis para o futuro da civilização (em disputa).

Isto é especialmente válido diante do crescente debate em torno da valorização fundamental

do diálogo entre o conhecimento acadêmico e o não acadêmico para a construção de conhecimento transdisciplinar sobre sustentabilidade (Lang, *et al.*, 2012). Com destaque para a importância de considerar os contextos socioecológicos locais e a integração de dimensões éticas, imateriais e espirituais, que são baseadas em saberes plurais, e capazes de apoiar a transição em direção a novas territorialidades mais sustentáveis (Leff, 2015).

Nesse contexto, a obra “Por Terra e Território: caminhos da revolução dos povos no Brasil” pode ser vista tanto como uma contribuição valiosa para acadêmicos e pesquisadores diversos, quanto como uma contribuição teórica e prática para qualquer pessoa (territorializada ou não) que deseja caminhar ativamente – e coletivamente –, em direção à autonomia, e/ou a sustentabilidade. “Para construir um mundo de festa, trabalho e pão” (p. 71); firmado em uma “Grande Aliança Preta, Indígena e Popular, com todo respeito e reverência à nossa Mãe Terra” (p. 17).

Referências

- Carvalho, J. J.; Vianna, L. C. R. Encontro de Saberes: Transversalidades e Experiências. *Revista Mundaú*. n. 9. 2020.
- Lang, D. et al. Transdisciplinary research in sustainability science: practice, principles, and challenges. *Sustainability Science* 7, 25-43, 2012. doi: 10.1007/s11625-011-0149-x
- Leff, H. Ecologia política: uma perspectiva latino-americana. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 35, 2015.
- Nascimento, E. P. Sustentabilidade: o campo de disputa de nosso futuro civilizacional In: *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Marseille: IRD Éditions, 2012. Disponível em: <http://books.openedition.org/irdeditions/20154>.

-
- Pimentel, S. K. Teia dos povos: afetos-encantos afro-indígenas-populares numa coalizão cosmopolítica. *Tellus*, 21(46), 253-281, 2021.
- Quijano, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005
- Svampa, M. Reflexões finais. In. SVAMPA, M. *As fronteiras do neoxativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências*. São Paulo: Editora Elefante. p. 143-166. 2019.
- Khotari, A.; Salleh, A.; Escobar, A.; Demaria F. ; Acosta, A. (Orgs.) *Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento*. Editora Elefante. 2021